

A produção dos territórios culturais carnavalescos no Rio de Janeiro durante os carnavais de 1840 – 1855

Dimitri Andrey Scarinci

Da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Brasil
dimitriscarinci@gmail.com

Nilton Abranches Jr

Da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro – Brasil
niltonabranches07@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo tem como objeto de estudo investigar a produção dos territórios culturais através dos festejos carnavalescos na Paris dos trópicos, a cidade do Rio de Janeiro, durante o período compreendido entre idos dos anos de 1840 até 1855, quando houve como fenômeno recorrente uma mudança de concepção e assim, oposição no uso do espaço produzido da cidade durante o período momesco. Justifica-se esse recorte temporal como a primeira produção de diferentes territórios pela folia na capital do império, o embate entre entrudo e os bailes de máscara, desta forma observa-se a construção da identidade pelos festejos durante os referidos embates. Este período foi marcado por uma intensa disputa de como festejar e legitimar o verdadeiro carnaval. A elite trocou os limões de cheiro e passou a ocupar o espaço com o uso das máscaras decoradas dos bailes nos teatros, importados à moda francesa. Enquanto que as demais camadas da sociedade ainda se divertiam em suas molhadelas características da herança colonizadora portuguesa.

Palavras Chaves: Território. Bailes de máscaras. Entrudo. Carnaval. Rio de Janeiro.

Introdução

Ao se estudar o passado de uma cidade, é comum a semelhança com um jogo de quebra-cabeças para montar as práticas culturais. A configuração socioeconômica deste recorte espacial escolhido, uma vez que quando o recorte temporal se desprende de mais de um século, é importante fazer com que cada peça deste referido jogo se encaixe. Assim se pode ter e se pode conhecer os aspectos e as relações com o espaço em que se habita. A cidade se explica como sendo o lugar de transformações e apropriações sendo, sujeito com novos atributos e objeto de intervenções ao mesmo tempo (CERTEAU, 1998).

Desse quebra-cabeça, as manifestações e celebrações culturais traçam e institucionalizam seus limites (CLAVAL, 2007), e passam a ser um aspecto relevante para obter repostas a cerca de como tal grupo social se portava e atuava perante todos os outros grupos na composição do espaço social construído. No direito adquirido ou não de se apropriar do mesmo como “resultado de soma e síntese do uso desse espaço” (HAESBART, 2007, p. 14), os festejos do carnaval passam a configurar uma síntese da representação de uma sociedade, em todos os seus aspectos sociais e morais, durante os

dias que antecedem a quaresma. Segundo Saquet (2015), essa síntese carrega novos significados e interpretações na produção de novas territorialidades e assim, aspectos materiais e imateriais na construção das relações sociais.

O carnaval encontrou terreno fértil para desenvolver suas múltiplas faces e assim, configurando as diversas heranças culturais que compõem a matriz brasileira. Dessa forma se constituiu enquanto festejos heterogêneos, de acordo com cada classe social, e não como uma festa definida e dominante como ocorreu nos bailes de máscaras de origem veneziana. Porém se tornou a representação da França moderna e civilizada, apresentando-se como modelo exportação para todo o mundo rompendo com aparência de bagunça geral que era praticado (FERREIRA, 2005).

Dessa confusão em busca de uma definição de o que é o legítimo e verdadeiro carnaval e o que sobra - que acaba sendo taxado como violência e sinônimo de ações primitivas - é o objeto de estudo desse presente artigo que vem analisar e propor um processo de territorialização do espaço urbano da então capital do império brasileiro durante os anos de 1840. O estudo de tal período se justifica por ser pontuado por alguns autores como sendo o momento dos primeiros bailes carnavalescos no Brasil. Tais festas foram organizadas pela Sociedade Carnavalesca dos Gamenhos até o ano de 1855, em que com a fundação do Congresso das Sumidades Carnavalescas se inicia outra manifestação que foram os desfiles das sociedades carnavalescas. Essas ficaram famosas na segunda metade do século XIX quando chegou a ser mais anunciada e esperada do que o próprio baile nos teatros e que por ventura, não cabe analisar profundamente neste artigo.

Através do recorte temporal já citado, se tem por objetivo analisar como ocorreram as manifestações carnavalescas no urbano, no sentido de se identificar uma como marca de civilidade e modernidade e outra como a imagem de atraso, violência e brutalidade. Estas visões foram fortemente propagadas pela imprensa, e contou com o apoio da intervenção do Estado (MORAES, 1958), representado pelas forças militares e políticas, em proteger o cortejo até os teatros em que se realizariam os bailes. Até a forte repressão com multas e prisão para quem fosse pego jogando as molhadelas do entrudo pelas ruas, aqui classificado como entrudo popular, foram práticas constantes no período estudado.

A principal mudança de concepção dos festejos foi através da saída dos festejos realizados no entrudo familiar, qual se realizava dentro das nobres residências, para a saída em direção aos grandes bailes - os quais eram divulgados e esperados ansiosamente durante o resto do ano. Também são observadas as mudanças nos aspectos comerciais, ou seja, da comercialização dos limões de cheiro e seringas de flandres para as confecções e alugueis de fantasias, carruagens e das famosas máscaras para que a preservação da identidade do folião fosse preservada. Essa mudança de concepção é apontada, pois o

carnaval também tem suas ordens de formalidades (DAMATTA, 1997) dentro de cada um dos ritos de seus festejos.

Essa ordem e regularidade demonstram que ao produzir novas funções em espaços com outros usos fora do período carnavalesco, a noção de se organizar para brincar compreende os rituais que passam despercebidos durante o dia a dia cotidiano e, assim constroem mecanismos para a ritualização da festa de acordo com a realidade dos diferentes grupos sociais que compõem os festejos (DAMATTA, 1997). Esses mecanismos apresentam aspectos das relações sociais nas diferentes formas de brincar através das ideias de reforço, inversão e neutralização que segundo DaMatta (1997) irão compor as ações festivas do ritual carnavalesco e assim, não fugir completamente do cotidiano fora do período do carnaval.

Neste estudo procurou-se montar e estabelecer relações para entender esse quebra-cabeça e interpretar os costumes da sociedade carioca imperial através da etapa de investigação em jornais, periódicos e imagens da época estudada, que se encontram disponibilizados de forma gratuita na internet, graças ao sítio eletrônico de pesquisa da Fundação Biblioteca Nacional, nas seções específicas da Hemeroteca e Mapoteca digital. Em paralelo aos dados coletados foi feita também uma revisão bibliográfica acerca do assunto.

Breve Análise do Espaço da Então Capital da Colônia

Ocupar a área do Rio de Janeiro, em que hoje conhecemos como a região central da cidade, apresentou-se como um desafio devido as suas condições físicas, consideradas aptas para a construção de fortificações militares para a defesa e controle (ABREU, 1996), e também como construção social na formação de seu território com suas desigualdades como afirma Saquet (2015) que foram tratadas como inaptas para a ocupação como moradia e posterior sede administrativa da colônia portuguesa.

A localização da cidade tratada como “confinada entre o brejo, o mar e a montanha foi alvo de intervenções de modo a conquistar a planície, as colinas e vales” (AMENDOLA, 2011, p. 127), ocorrendo desta forma a necessidade de intervenções feitas pelo Estado Português para a consolidação, expansão e formação da cidade do Rio de Janeiro.

Vale ressaltar que o ordenamento territorial feito aqui foi duramente criticado se comparado ao processo de formação dos núcleos urbanos nas colônias espanholas, em que ocorria uma linearidade na forma de ocupar o espaço e, a falta dessa linearidade nos traçados nas cidades portuguesas na América, conforme aponta Bernardes (1990). Para

Abreu (1996), os portugueses pensavam a cidade como um produto mental dos mesmos, e assim consideravam as barreiras topográficas não como empecilhos dentro da ideia de cidades planejadas, mas sim como um elemento a ser incorporado dentro do próprio ordenamento. Este ordenamento além de formar os núcleos urbanos, também tinha como objetivo consolidar a ocupação portuguesa no território colonial, fato que já foi apontado anteriormente.

A configuração espacial da cidade do Rio de Janeiro remetia as barreiras imposta pela natureza da topografia da cidade. A forma da ocupação entre os morros nos remetia a interpretação de um tabuleiro de xadrez composto pelas ruas encaixadas entre os morros (CARVALHO, 1990). Os morros em que esse tabuleiro foi inserido são morros do Castelo, da Conceição, de São Bento e de Santo Antônio Segundo Abreu (1996) o fortalecimento do pensamento higienista fortalecido pelas topografias médicas, ganharam força e estrutura na América no final do século XVIII, como mecanismo de tornar as colônias menos insalubres em relação ao padrão de vida e higienização presente nas metrópoles.

Sobre as principais barreiras topográficas da cidade, podemos elencar a produção de miasmas pela ação dos pântanos, a falta de circulação dos ventos ocasionados pelas montanhas e morros, uma vez que a cidade estava dividida entre as freguesias e inserida no espaço de fundo de vale existente entre eles, já elencado anteriormente. Na figura 1, pode-se observar a representação da planta da cidade em 1790. Outros problemas estariam ainda relacionados às dificuldades da drenagem de águas pluviais que deixavam os solos sempre úmidos, devido à proximidade com os lençóis freáticos da cidade, e por fim, o ar infeccioso proveniente das sujeiras das vias públicas e conseqüentemente a falta do recolhimento e conseqüentemente o tratamento não adequado de esgoto. Carvalho (1990) em consulta a dados presentes no Anuário estatístico de 1922, afirma que em 1843 eram presentes certos aspectos de uma cidade colonial atrasada, como a falta de limpeza pública das ruas todos os dias da capital imperial. Também são relatadas as práticas sociais qual contribuía para essa insalubridade como a ocupação territorial contrária na disposição das ruas construídas em direção oposta aos ventos, e a superlotação do espaço disponível para ser habitado como é observado em moradias como cortiços e também das edificações coladas umas nas outras, conforme afirma Abreu (1996).

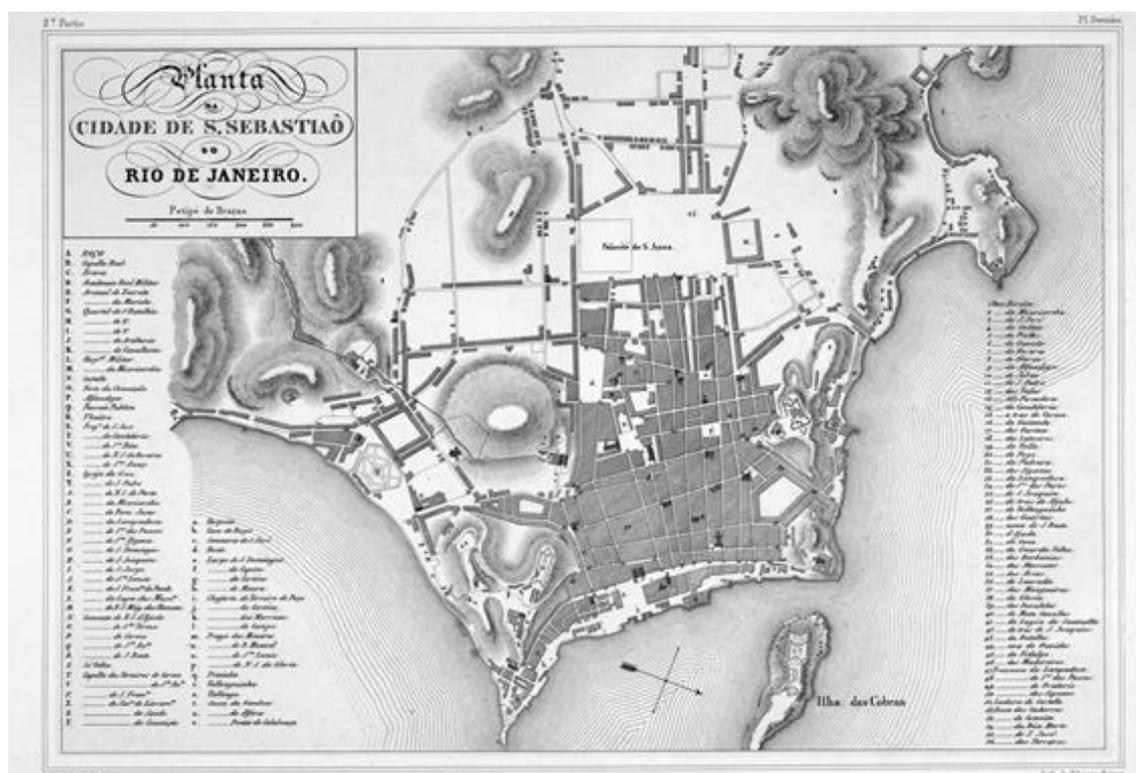


Figura 1 - Planta da cidade em 1790. Fonte: Paris: Firmin Didot Frères, 1835. ¹

Entretanto foi necessária a vinda da família real portuguesa em 1808, que se instalou em um primeiro momento em Salvador e depois se transferiu para a cidade do Rio de Janeiro, para que se iniciassem mudanças estéticas, culturais e de salubridade na então recém-nomeada e elevada capital do império. Dessas medidas, ganhou força o pensamento higienista através das criações da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro em 1829 e a Academia Imperial de Medicina em 1835, como forma de combate as mazelas das epidemias de doenças e até mesmo da forma de se alimentar e viver dos moradores da colônia, dando ênfase às classes sociais mais baixas que eram maiores em quantidade da população.

Também houve por parte do Estado Português a criação de órgãos públicos para combater as mazelas estruturais da cidade, por exemplo, a Intendência Geral de Polícia, para criar infraestrutura como abastecimento de água. Em meados da década de 1850, foi criada pelo Estado Imperial Brasileiro a Junta Central de Higiene com funções semelhantes e complementares da Intendência já citada acima como ações efetivas de combate aos problemas sanitários, cita-se, por exemplo, o aterro de pântanos e sistemas de esgotos sanitários. Porém estas medidas não foram suficientes para resolver os problemas sanitários, alavancados pelo forte crescimento populacional (ABREU 1994).

¹ Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/624520093>

Ao se falar da ocupação efetiva do espaço, e assim apontar seus usos, o Estado Português utilizou o ordenamento territorial através das freguesias, representadas por uma igreja católica como sede e os limites de abrangência dessa instituição, representava consequentemente os limites entre uma freguesia. A freguesia representava:

Face à relação simbiótica entre o Estado português e a Igreja, os colonizadores foram favorecidos pela instalação de freguesias ou paróquias. Contando com o mínimo de dez casas ou famílias, estas unidades, as menores da administração pública, eram áreas submetidas à jurisdição espiritual de um cura que também exercia o governo civil. (FRIDMAN, 2011, p. 6).

Acerca da ocupação efetiva do espaço da cidade no período estudado, Abreu (1997) aponta que ocorreu um crescimento populacional efetivo nas suas Freguesias tradicionais, conforme mostrado na figura 2, realçando a divisão na área urbana e rural da capital, que eram as da Candelária, São José, Sacramento, Santa Rita e Santana, sendo as da Candelária e São José sede das repartições públicas e de moradia das classes dirigentes, isto em 1821.

No decorrer dos anos seguintes, com a abertura de estradas, aterramentos de pântanos existentes e chegada de mobilidade, as demais freguesias que eram tipicamente rurais ganharam funcionalidade de ocupação urbana. Através dessas medidas, deu-se início a expansão urbana do sítio da cidade além do tabuleiro existente entre os morros, já citados anteriormente. Vale ressaltar que essas novas ferramentas além de auxiliarem a ocupação do espaço urbano, também contribuíram para o processo de segregação dentro da cidade como o surgimento de áreas ocupadas pelas classes mais abastadas e outras áreas ocupadas pelas classes populares.

O Velho Entrudo e Suas Molhadelas, Uma Herança da Colonização Portuguesa.

A colonização portuguesa do nosso território deixaram marcas e sentido de sua cultura, rompendo a herança e passando a ter existência (CLAVAL, 2007). As características da cultura portuguesa foram incorporadas a composição do espaço social do Rio de Janeiro. A herança portuguesa em contradição com a cultura indígena e a cultura africana, representam a construção da materialidade histórica e também cultural do país, e assim a produção das atividades humanas na construção de novos espaços, identidades e territórios (SAQUET, 2015). Este espaço social foi alvo de fortes modificações desde a chegada da família real, e posteriormente com a busca de uma identidade nacional como negação a cultura lusitana aqui deixada, já no período do império brasileiro.

Os festejos do entrudo em solos tupiniquins são identificados desde os meados do século XVI (MORAES, 1958). Representava a forte ligação com o império português e conseqüentemente com a cultura lusitana, que se intensificou nesse período com a igreja católica, uma vez que os festejos do carnaval estão intimamente ligados aos dias que antecedem a quaresma, período de 40 dias com jejum de carne vermelha e reflexão antecedente a data da Páscoa. Pelo fato da data da Páscoa não ser fixas como outros feriados, acarretou que o início da quaresma e recorrentemente o do carnaval também não fossem datas fixas ao longo dos anos.

O entrudo é considerado como:

O antigo carnaval português [...] termo que significa entrada, princípio. Ao que parece, a celebração marcava o início da primavera. Com o cristianismo, passou a se realizar nos dias que antecederiam a quaresma. (MIGUEL, 2009, p. 3/4).

Da relação com o início da quaresma, os dias antecedentes que era celebrado o Carnaval ficou conhecido como um período de inversão, de irreverência na forma de se brincar, de brincadeiras exacerbadas próximo à “selvageria” em alguns casos. Por causa dessas diferentes conceituações de como era a forma de se brincar o entrudo, surgem às acepções de selvageria e civilidade nas suas ações de brincar que acabam servindo como argumentos para a busca de uma nova festa civilizada e que se negasse a herança portuguesa, tratada como atrasada e medieval. O pensamento brasileiro a partir dos anos de 1830 tinha a preocupação em se mostrar perante o mundo como uma nação civilizada, para assim atrair recursos de investimentos externos, uma vez que “nossos portos sempre tiveram abertos para outras culturas” (FERREIRA, 2005, p. 31).

O entrudo era o festejo praticado mediante a realidade dos resquícios do tempo colonial, quando a cidade do Rio de Janeiro era sede do império português. Com a chegada do capitalismo industrial, explicado pelos investimentos externos, o período de brincadeiras durante o carnaval apesar de praticado entre todas as camadas sociais, se apresentava territorializado da seguinte forma: o entrudo familiar e o entrudo popular onde a sociedade se mostra sempre as formalidades a que suas práticas obedecem (CERTEAU, 1998) afirmando a produção espacial realizam-se no plano do cotidiano e aparecem nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar (CARLOS, 2007). Porém, com o passar dos anos e as adaptações em que a manifestação cultural sofreu, o entrudo foi sendo moldado pela sociedade que o praticava, tendo sido considerado como a representação da folia e de libertação dos pudores durante os dias festivos (MORAES, 1958).

Como a cultura se elabora através dos termos de relações conflituais ou competitivas entre os mais fortes ou mais fracas (CERTEAU, 1998), ou entre as classes

sociais mais elevadas e menos elevadas, o período dos festejos do entrudo também retratavam essa relação ao usar diferentes espaços para suas brincadeiras onde o espaço de um terminava quando o espaço do outro se iniciava.

O entrudo familiar era característico pela segregação social dentro das residências, uma vez que estes eram realizados dentro destas através de reuniões sociais propostos pelas classes mais elevadas como almoços e jantares e no máximo se estendiam até as sacadas e janelas dos casarões, a fim de atingir projéteis em quem estivesse passando desavisado por debaixo de sua varanda. Ficaram famosos pelos enfarinhamentos, molhadelas e o despejo de limões de cheiro perfumados que eram produzidos e comercializados especificamente nesta ocasião, conforme demonstrado na figura 3.

Em relação à segregação social, é abordado que os alvos preferidos para os projéteis eram os escravos negros que serviam a casa e os estrangeiros que não entendiam o porquê de terem sido alvos de constantes ataques sendo que o negro que se rebelasse perante o seu senhor, era duramente castigado segundo Ferreira (2004). Acima de tudo, sua principal função como festejo era a reafirmação dos laços de parentesco e de interesses comerciais (FERREIRA, 2005). Esses arranjos e rearranjos familiares segundo DaMatta (1997) são sistemas ao reduzir as interações entre traços genéticos e de propriedade, e também representação da posição social dos grupos e segmentos do mundo cotidiano (DAMATTA, 1997). Além da reafirmação das relações sociais, há a produção do território como resultada dos festejos carnavalescos no que se refere à condição social e assim, o desenvolvimento de uma identidade com os festejos resultante desse processo (SAQUET, 2015).



Figura 2 - Representação dos festejos do entrudo familiar. Fonte: AUGUSTUS, Earl. 1822 ²

² Disponível em <http://nla.gov.au/nla.pic-an2822612>

A outra forma de se brincar o entrudo era o chamado entrudo popular, considerado outra forma de se jogar as brincadeiras muito mais brutais e violentas (FERREIRA, 2004). O lugar das brincadeiras era a rua composta pelos marginalizados quase sempre escravos e\ou pobres que não detinham o poder de brincar o entrudo dentro das residências como a classe dominante da sociedade fazia (exemplificado como eram os costumes do entrudo popular na figura 4). Esse fato da rua ser apontada como concentração dos marginalizados é resultado das condições naturais que a sociedade impõe em suas lutas de classe e assim, reafirmando que o “território é um compartimento do espaço como fruto de sua diversificação” (SAQUET, 2015, p. 27).

Sendo a rua o local de serviço dos escravos de ganho, que dormiam na casa do seu senhor, e o dinheiro de seu trabalho iriam para estes e tinham diversas funções como aguadeiro, transportador de água, para suprir a falta de água dentro das residências. O entrudo popular foi classificado como grande furdução popular onde qualquer projétil de qualquer natureza era arremessado ao invés dos limões de cheiro que eram fabricados e comercializados pelos negros e fortemente anunciado nos jornais da época, como se pode ver em transcrição de anúncio abaixo:

Atenção: na rua da lapa do desterro, número 49, loja, recebeu-se encomendas para limões de cheiro muito bem feitos e de diversas cores (Diário do Rio de Janeiro, 21 de Fevereiro de 1852).

Ao invés dos perfumes e águas cheirosas que compunham os limões de cheiro, os projéteis lançados no entrudo popular eram os pós de diferentes naturezas como de polvilho, vermelhão, de sapato, alvaiade e também água da sarjeta, urina e fezes provenientes dos escravos tígres que trabalhavam transportando os dejetos das casas coloniais em locais como a praia de Santa Luzia ou de Dom Manoel, exemplificando as mazelas estruturais da capital como a falta de rede de esgoto.

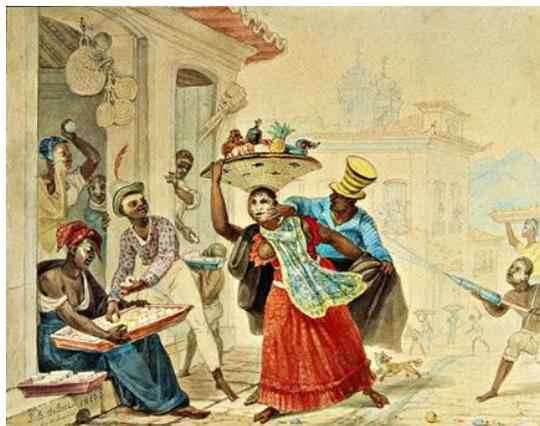


Figura 3 - Representação do Entrudo Popular. Fonte: DEBRET, Jean- Baptiste. Rio de Janeiro 1823³

³ Disponível em http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=250

Uma festa importada aos moldes franceses através dos usos das fantasias e dos teatros

Desde a independência do Brasil do poder lusitano, tornou-se recorrente uma negação da herança portuguesa aqui deixada vista comumente como primitiva arcaica e atrasada que vinha como força contrária a corrente de ser o Brasil uma nação moderna, mesmo com que a realidade espacial da capital dissesse totalmente o contrário com problemas no abastecimento de água e de despejo de esgoto. Por isso, com os festejos durante o carnaval não poderia ser diferente uma vez que o entrudo, principalmente o popular, era taxado de selvagem, primitivo e violento e isto não condizia com a nova realidade socioeconômica do país em que a exportação de matérias primas e importação de manufaturados eram seus pilares (FERREIRA, 2005).

Eis que a forma encontrada para celebrar o verdadeiro carnaval livre da influência portuguesa foi o modelo dos bailes de máscaras originários em Veneza no século XVI e fortemente incorporados aos salões franceses pela burguesia ascendente com o período revolucionário que o país vive durante o século XIX, e que se propaga pelo mundo como retrato de festa civilizada e moderna. A então recém-burguesia comercial do Rio de Janeiro a adota como festa entre outros costumes franceses destes quais os hábitos de ir aos teatros, concertos musicais e óperas (FERREIRA, 2005) uma vez que a sociedade urbana em seu processo de formação produz “novos modos de vida, novos valores, comportamentos e uma nova cultura” (CARLOS, 2007, p. 42).

Com essa mudança proposta nas formas das práticas culturais, o espaço dos Teatros que já tinham sido incorporados no cotidiano da burguesia Carioca desde a chegada da família real portuguesa sendo o Teatro São Pedro de Alcântara, hoje chamado Teatro João Caetano localizado na Praça Tiradentes no centro da capital, que no período retratado era chamado de Largo do Rocio, se transforma num marco representativo dessa incorporação no hábito da alta sociedade carioca. A tensão entre a realidade colonial e os hábitos modernos europeus, impulsiona o surgimento de outros Teatros e hotéis com capacidade de sediar espetáculos artísticos em seu interior. Com a incorporação dos bailes de máscara se inicia um processo de territorialização dos festejos carnavalescos. Há a transposição dos festejos entrudísticos dos interiores das residências para os bailes de máscaras no interior dos teatros. Segundo jornais da época três partes da cidade vão servir de território para o Carnaval no período em tela, são elas: a área do Campo da Aclamação onde estão concentrados o Hotel Paraíso, Hotel Tivoly e sede da Sociedade União dos Gamenhos; o Largo do Rocio onde se encontram o Teatro de São Pedro de Alcântara e o Hotel Itália; e a Praia de Dom Manoel onde hoje está a Praça XV de

novembro, o Teatro São Januário chamado também de Teatro Provisório próximo a sede do Paço Imperial, conforme assinalado na figura 5.



Figura 4 - Territorialização da concentração de bailes. Fonte: IpuD Figura 1 com alterações feitas pelo autor.

Todavia não se pode considerar que o acesso aos bailes carnavalescos também resultou em uma nova forma de acesso e não acesso aos festejos como era a divisão clássica de quem podia brincar o entrudo popular e o entrudo familiar. Portanto pode se considerar que a cidade continuou sendo um “sistema de significações e de sentidos e, portanto, de valores” (LEFEBVRE, 1991, p. 63) e desses valores se observa a mudança de acesso aos festejos de um controle social. Quem tivesse sangue azul ou algum cargo de nobreza através de convites para se festejar o carnaval em salões particulares como ocorreram nos primeiros bailes registrados entre 1840 na sede da Sociedade União dos Gamenhos e em 1845 no Hotel Itália, sendo classificados como bailes pioneiros para uma mudança de concepção para o baile realizado em 1846 no teatro São Januário promovido por Clara Delmastro, famosa cantora da época. Marcado pela suntuosidade e luxo e também, principalmente pela comercialização das entradas para o baile qual se tornou recorrente nos próximos anos, deixando o ar de uma festa da nobreza para uma burguesia cada vez mais ascendente como afirma esta notícia:

Theatro Provisório. Bailes mascarados. No escriptório do theatro de S.Januário, tomam-se hoje encomendas de camarotes para o primeiro baile do theatro provisório que terá lugar no dia 21 corrente.” (Diário do Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1852).

Uma das obrigatoriedades para a entrada nos bailes além do convite era o traje de fantasia, também moldado ao gosto francês como as vestimentas próprias da nobreza da época, por exemplo, os trajes de Luís XV e como também os trajes baseados das fantasias da *Commedia dell'Arte*⁴, conforme figura 6. Famosas na Itália desde o século XV acabaram por cair no gosto do carioca junto com as máscaras de arame, veludo ou cera que tinham como função a preservação da identidade do folião em que era comum a brincadeira do “sabe quem eu sou?”. As pessoas saíam perguntando aos demais se os conheciam principalmente as mulheres em que faziam confidências com as vozes disfarçadas para que o outro não conseguisse identificar de quem era aquelas informações. O aluguel e compra dos trajes para os bailes caíram no gosto do comércio da época numa forma de substituir o comércio dos limões de cheiro feitos por escravos, tal qual nos mostra mais uma notícia de jornal:

Bailes mascarados. Na Rua do Carmo, número 146, há grande sortimento de vestuários de fantasia que serão alugados aos amadores d'estes divertimentos por commodos preços. (Diário do Rio de Janeiro, 21 de Fevereiro de 1852).



Figura 5 - Trajes famosos da Commedia dell'Arte^{5 6}

Na ornamentação dos grandes bailes se prezava pelo bom gosto e luxuosidade como um conjunto de relações entre objetos e produtos (LEFEBVRE, 2000), descritos como exemplo na figura 7, pois representava a reunião das elites que detinha capital e que, conseqüentemente, produziam o espaço social através dos seus trajes. Assim como o encontro das relações socioeconômicas e também a divulgação das novidades tecnológicas da época, cujo acesso não cabia ao resto da população pela falta de recursos. Era comum nesses bailes a apresentação de valsas, contradanças, polcas, quadrilhas até o surgimento

⁴ Companhias de teatro surgidas na Itália no século XV que representavam cenas do cotidiano popular em ruas, palcos e esquinas.

⁵ Respectivamente Harlequim, Pantalone, Colombina, Pulcinella e Pierrot.

⁶ Disponível em <http://www.carnavalmania.pt/blog/20126/mascaras-venezianas.aspx>

dos ritmos galope infernal e cançã, que se tornaram marcas dos bailes no lugar das encenações de peças e óperas que permeavam grande parte das apresentações dos grupos distintos durante os bailes (FERREIRA, 2004).



Figura 6 - Representação de um baile carnavalesco. Fonte: GUERAVE, 1883 ⁷

As Máscaras ou os Limões de Cheiro, Como Entender Essa Disputa?

Sendo a cidade “um pedaço do conjunto social. Revela porque as contém e incorpora na matéria sensível às instituições, as ideologias” (LEFEBVRE, 1991, p. 60), o carnaval representa essas parcelas da sociedade nas formas de celebração e brincadeiras desse período pelo simples fato ou de vestir uma fantasia ou de atirar um limão de cheiro, transmite a cidade um processo de humanização.

O espaço que constitui a cidade nada mais é do que um conjunto de operações e não uma simples redução a um objeto (LEFEBVRE, 2000) em que diferentes cotidianos compõem a multiplicidade do espaço social, e não partes sem serem integradas, mesmo que seja através dos reflexos do domínio das classes mais elevadas em relação ao resto das outras classes mais baixas. Destes diversos cotidianos através do tempo se estabelece os lugares apropriáveis para a vida, conforme afirma Carlos (2007) e no caso do período temporal retratado, é possível enxergar as dicotomias das práticas realizadas no entrudo e nos bailes. Caracterizou-se também como embates a dualidade entre a casa e a rua, onde a casa aponta um universo controlado com suas relações bem definidas e a rua, um mundo com seus imprevistos e hierarquias percebidas ou não (DAMATTA, 1997).

⁷ Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/quanto-riso-quanta-alegria>

É bem verdade que esse embate perdurou além do período aqui analisado. Porém este confronto inicial de como territorializar o espaço da cidade como função cultural, acabou por abrir espaço para outros festejos característicos, e cada vez mais símbolos territoriais se apresentam através de uma dimensão imaterial em uma realidade material-concreta (HAESBAERTH, 2007) de certa camada da sociedade. Porém, com o passar dos anos e as adaptações em que a manifestação cultural sofreu, o entrudo foi sendo moldado pela sociedade que o praticava, tendo sido considerado como a representação da folia e de libertação dos pudores durante os dias festivos (MORAES, 1958).

No decorrer dos anos após os primeiros bailes quando estes deixaram de ser novidade e passaram a serem incorporados no cotidiano carnavalesco da cidade, os transeuntes com destino aos teatros se tornaram alvos das molhadelas e da confusão que acontecia nas ruas desde o arremesso de limões de cheiros a banhos de água suja. Tal fato pode se atribuir a uma herança cultural do entrudo, que se apresentou fortemente como forma de se brincar o carnaval. Pode-se também entender como uma resistência a forte campanha de degradação dessa prática que foi diretamente vinculada a uma postura que remonta a “selvageria” e violência. A manifestação popular passa a ser considerada como um “não carnaval”, já que a partir deste momento o verdadeiro carnaval, era aquele que era celebrado através das fantasias e máscaras luxuosas nos bailes públicos e privados, conforme ilustra a figura 8. Tendo as reuniões privadas tendo a primazia de ser fiel aos costumes franceses e não se deixar influenciar pelas adaptações da cultura ao entrar em contato com certo grupo social que justifica organizações espaciais específicas (CLAVAL, 2007).



Figura 7 - Duelo entre Entrudo e Carnaval. Fonte: Revista Ilustrada, Ano 6, n. 238, capa, 1881⁸.

⁸ Retirada do acervo da Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional.

Graças ao processo de desconstrução veiculado pela imprensa e pelo poder público, acaba por ocorrer que o entrudo passa a ser considerado como sendo um jogo insalubre, sem capricho, primitivo (PEREIRA, 2004). Todavia estes costumes se encontravam enraizados em toda a sociedade, por mais que houvesse a divulgação contrária ao entrudo. Com o argumento do receio da “selvageria” contra as pessoas os deslocamentos para os teatros passaram a ser feitos em grupos. O caminho era feito com apoio policial. Eis então que surge uma série de medidas restritivas ao entrudo, que na prática não tiveram muito resultado, como esta:

Fica proibido o jogo do entrudo dentro do município; qualquer pessoa que o jogar incorrerá na pena 4\$000 a 12\$000, e não tendo com que satisfazer, sofrerá de dois a oito dias de prisão. Sendo escravo, sofrerá oito dias de cadeias, caso seu senhor o não mande castigar no calabouço com cem açoites [...] (Câmara Municipal - Código de posturas municipais, 1838, segunda edição, título VIII, parágrafo segundo).

Uma vez que ocorriam as ações das molhadelas mesmo com a repressão policial, a necessidade dos grupos já irem fantasiados para os teatros em caminhos já pré-estabelecidos foi o estopim para uma territorialização por parte da elite das ruas da cidade, como forma de se proteger dos ataques entrudísticos. Desta saída a rua, em 1855 surge o Congresso das Sumidades Carnavalescas, considerada a primeira sociedade carnavalesca a ocupar o espaço dos deslocamentos em cortejos organizados (FERREIRA, 2011) para ir aos bailes. O cortejo era feito em carruagens e seus ocupantes já iam fantasiados. Porém com o passar dos anos, esse cortejo feito pelas ruas passou a ser cada vez mais esperado pelas camadas mais pobres da população e estas acabaram incorporando as fantasias a suas brincadeiras populares de carnaval como alternativa a “selvageria” promulgada pelos jornais, como ocorre nesta notícia:

Todos reconhecem os grandes inconvenientes que resulta deste gênero de divertimento e, uma grande parte de nossa população o repele como impróprio de um povo que quer ter foro de civilizado [...] (Jornal do Commercio, 01 de Fevereiro de 1860).

Assim, paulatinamente, se estabelece uma nova forma de se ocupar as ruas da cidade no período do Carnaval. Novas formas de praticar a festejo popular vão sendo incorporadas pelas diversas camadas da população, provocando uma verdadeira miscigenação da cultura.

Considerações Finais

A partir da análise das diferentes manifestações do Carnaval, se pretendeu neste trabalho entender como através da cultura como se deu a produção do espaço da cidade do Rio de Janeiro nos idos do século XIX. Levou-se em consideração que estas mesmas manifestações, no caso do recorte espacial escolhido, explicitaram os processos de segregação socioespacial em que se reproduz nos carnavais da atualidade na cidade do Rio de Janeiro como, por exemplo, o presente público de turistas nos desfiles das escolas de samba pagando preços elevados pelos ingressos para assistir uma manifestação cultural de caráter popular na teoria, e que na prática devido a sua teatralização e espetacularização, ocorre exatamente o contrário.

Buscou-se abordar a influência do poder socioeconômico em se auto intitular como sendo o promotor do legítimo e verdadeiro carnaval, se estabelecendo como forma de negação a cultura aqui deixadas pela convivência lusitana. Também foi apontado que desde quando uma manifestação carnavalesca se tenciona com outra já existente, não determina que a anterior fique extinta enquanto a nova seja a representação da folia da cidade uma vez que acaba por territorializar todo o espaço da cidade. Porém esse ato de ir para as ruas, ocupa enquanto cortejo para chegar aos teatros já fantasiados acabou por impulsionar que as classes populares também se fantasiassem e incorporá-lo nas molhadelas e farinhadas do entrudo.

Production of cultural carnavalescos territories in Rio de Janeiro during the carnivals of 1840 - 1855

Abstract: Abstract: The present article has the object of study to investigate the production of cultural territories through the carnival celebrations in Paris of the tropics, the city of Rio de Janeiro during the period gone the years 1840 until 1855, when there was as recurring phenomenon a change of conception and thus opposed the use of the produced space in the city during the momesco period. Justified if that time frame as the first production of different territories by the revelry in the capital of the empire, the clash between Shrovetide and mask dances, so we can observe the construction of identity by celebrations during these clashes. This period was marked by an intense dispute to legitimize and celebrate the true carnival. The elite changed the smell of lemons and went on to occupy the space with the use of masks decorated the dances in theaters, imported the French fashion. While the remaining sections of society still had fun in their molhadelas characteristics of Portuguese colonial heritage.

Key words: Territory. Balls masks. Shrovetide. Carnival. Rio de Janeiro.

Referências

ABREU, Maurício de Almeida. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Editora IPLANRIO, 1997.

_____. **Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro**. In: Revista Espaço e Debates – Revista de estudos regionais e urbanos. 1ª edição. Ano XIV. Número 37. São Paulo: 1994 (pp. 34-46)

_____. **Pensando a cidade no Brasil do Passado.** In: CASTRO, Iná Elias. CÔRREA, Roberto Lobato. GOMES, Paulo César da Costa (ORGANIZADORES). Brasil: Questões atuais da reorganização do território. Rio de Janeiro: Editora Bertand Brasil, 1996 (pp. 145 – 184).

BERNARDES, Lygia C.M. SOARES, Maria Therezinha Segadas. **Rio de Janeiro: Cidade e Região.** Biblioteca Carioca, volume 3, 2ª edição. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1990.

CARLOS, Ana Fani Alessandrini. **O Espaço Urbano: Novos escritos sobre a cidade.** São Paulo: Labur Edições,

_____. **O Lugar no/do mundo.** São Paulo: Labur Edições, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano.** 3ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural.** 3ª edição. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis – Para uma sociologia do dilema brasileiro.** 6ª edição. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

DELGADO DE CARVALHO, Carlos. **História da Cidade do Rio de Janeiro.** Biblioteca Carioca, volume 6, 2ª edição. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1990.

FERREIRA, Felipe. **O Livro de ouro do carnaval brasileiro.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

_____. **Inventando Carnavais – O surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

_____. **Do entrudo aos passeios: A hierarquização espacial do carnaval carioca no século XIX.** In: Revista Cidades – A cidade e a festa. Volume 8. Número 13. Presidente Prudente: Grupo de Estudos Urbanos, 2011. (pp. 105 – 122).

FRIDMAN, Fania. **Cartografia fluminense no Brasil imperial.** In: 1º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica. Paraty: 2011. (pp. 1 -22).

HAESBAERTH, Rogério. **Território e multiterritorialidade: um debate.** In: Revista GEOgraphia. Ano IX. Número 17. Niterói: 2007 (pp. 19 – 46).

LEFEBVRE, Henry. **O Direito à Cidade.** 1ª Edição. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

_____. **A produção do espaço.** 4ª edição. Paris: *Editions Antares*, 2000.

MIGUEL, Adilson. DANSA, Salmo. **Histórias de Carnaval.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Scipione, 2010.

MORAES, Eneida de. **História do Carnaval Carioca.** 1ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1958.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **O carnaval das letras – Literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX.** 2ª edição. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território.** 4ª edição. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

Sobre os autores

Dimitri Andrey Scarinci - Graduando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista pesquisador do Programa de Educação Tutorial (PET) do Ministério da Educação (MEC).

Nilton Abranches Jr – Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor adjunto do departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ (campus Maracanã).

Recebido para avaliação em novembro de 2015.

Aceito para publicação em março de 2016.